

FREI BETTO

Cartas da prisão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Frei Betto

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Mateus Valadares

Imagem de capa

Texturify.com

Preparação

Maria Helena Guimarães Pereira

Andressa Bezerra Corrêa

Revisão

Valquíria Della Pozza

Clara Diament

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Betto, Frei

Cartas da prisão / Frei Betto. — 2ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2935-5

1. Betto, Frei, 1944 – 2. Dominicanos – Brasil – Atividades políticas 3. Prisioneiros políticos – Brasil – Correspondência 1. Título.

17-04299

CDD-920.936545

Índice para catálogo sistemático:

1. Prisioneiros políticos : Correspondências
920.936545

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

*A meus pais,
que plantaram em mim
a fé em Deus,
o amor à vida,
a esperança no futuro,
dedico este livro.*

*A Júlia Christo Brandão e Viviane van Doornik Christo,
vindas depois, com a esperança de colherem, no futuro,
os frutos de liberdade adubados nessa estação do inferno.*

Sumário

<i>Lista de siglas</i>	9
<i>Introdução</i>	11
1. Cartas de 1969	15
2. Cartas de 1970	20
3. Cartas de 1971	116
4. Cartas de 1972	182
5. Cartas de 1973	316
<i>Obras de Frei Betto</i>	393

Lista de siglas

ALN Ação Libertadora Nacional

Cenimar Centro de Informações da Marinha

CNBB Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Deic Departamento Estadual de Investigações Criminais

Deops Departamento Estadual de Ordem Política e Social

Dipe Departamento dos Institutos Penais do Estado

Doi-Codi Destacamento de Operações e Informações — Centro de Operações de Defesa Interna

Dops Departamento de Ordem Política e Social

FAB Força Aérea Brasileira

JEC Juventude Estudantil Católica

JOC Juventude Operária Católica

PM Polícia Militar

PUC Pontifícia Universidade Católica

Sedoc Serviço de Documentação — publicação da Editora Vozes sobre a
Igreja Católica

Senai Serviço Nacional de Aprendizagem da Indústria

UNE União Nacional dos Estudantes

VPR Vanguarda Popular Revolucionária

Introdução

O Brasil viveu sob ditadura militar de 1964 a 1985. A resistência mais significativa veio do movimento estudantil. Implicou manifestações de rua, passeatas, panfletagens, pichações e também ações armadas, praticadas por grupos guerrilheiros que realizaram de expropriações bancárias a sequestros de diplomatas.

Um grupo de estudantes da Ordem Dominicana, em São Paulo, aderiu àquele movimento de resistência, atuando como base de apoio aos que lutavam na linha de frente, em especial à ALN (Ação Libertadora Nacional), comandada por Carlos Marighella. Alguns frades engajados na militância política lograram escapar da repressão policial-militar refugiando-se no exílio. Outros, no entanto, foram presos a partir de 1º de novembro de 1969, envolvidos nos episódios que culminaram no assassinato de Marighella, na capital paulista, na noite de 4 de novembro.*

Fui preso em Porto Alegre, no dia 9 de novembro. Estudante de Teologia em São Leopoldo (RS), minha atuação revolucionária consistia, principalmente, em facilitar a fuga de perseguidos políticos pelas fronteiras do Brasil com

* Cf. *Batismo de sangue*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

Uruguai e Argentina. Transferido para São Paulo, fui levado para o mesmo presídio onde já se encontravam os confrades encarcerados.

Este livro contém cartas escritas por mim durante os quase quatro anos (1969-73) em que estive preso pela ditadura militar. Na década de 1970, essas cartas foram editadas em dois livros: *Das catacumbas* (cartas de 1969 a 1971) e *Cartas da prisão* (1972 e 1973). O primeiro concerne ao período em que estive sob o regime especial reservado aos presos políticos. O segundo, ao período em que vivi em penitenciárias, submetido ao mesmo regime dos presos comuns.

Antes de editado no Brasil, o primeiro volume de cartas foi publicado na Itália sob o título *Dai sotterranei della storia* [Nos subterrâneos da história], pela Mondadori, em 1971. Em seguida, traduziram-no em francês, espanhol, sueco, holandês, alemão e inglês. No Brasil, as cartas dos últimos dois anos foram as primeiras a serem editadas, pela Civilização Brasileira em 1977, com o título *Cartas da prisão*. Em 1978, as demais foram publicadas, pela mesma editora, com o título *Das catacumbas*.

Agora, a Companhia das Letras oferece aos leitores o conjunto das cartas em um único volume. Vinte cartas, até agora inéditas, foram incluídas nesta edição. Muitas se resumem a simples bilhetes, outras tiveram trechos confidenciais suprimidos pelos destinatários, o que explica os cortes abruptos. Todas foram redigidas entre os meus 25 e 29 anos.

Não escrevi estas cartas no intuito de publicá-las nem cuidei de tirar cópias. O trabalho de coletá-las entre os destinatários demandou esforços e nem sempre foi coroado de êxito. Sob ditadura, muitas foram lidas e destruídas. Felizmente, recuperei a maioria, sobretudo as remetidas à família, amigos e religiosos. E, a partir de 2013, encontrei cartas inéditas, como as que escrevi à minha prima Ruth Libanio (nascida Maria Inês), que há décadas vive em Roma, e a religiosos do Brasil.

Este livro é um documento histórico. Retrata as duras provações a que foram submetidos os presos políticos, bem como as lutas de resistência travadas dentro da prisão. Algumas dessas cartas não passaram pela censura carcerária, como se exigia. Saíram por vias clandestinas, colocando em risco seus portadores. Esta é a razão pela qual nem todos os destinatários estão identificados: alguns preferem permanecer no anonimato.

Espero que estas cartas permitam, sobretudo às novas gerações, uma visão contundente e realista do que significou a luta de jovens brasileiros pela queda da ditadura e pela redemocratização do país. Resgatar no presente o passado é a melhor forma de manter viva a memória das vítimas e impedir que tais atrocidades se repitam no futuro.

Frei Betto

São Paulo, primavera de 2017

1. Cartas de 1969

Presídio Tiradentes, São Paulo, domingo, 7 de dezembro de 1969

Queridos pais* e manos,

A novidade é a própria vida da prisão. Cheguei há uma semana, tudo é novo. Talvez eu fique longo tempo neste presídio. Somos quase duzentos presos políticos, entre rapazes e moças. Ocupamos uma cela grande, espaçosa, ventilada, equipada com dois banheiros, chuveiro, tanque de lavar roupa, cozinha e fogão. Somos 32, quase todos jovens. Há dois feridos: Carlos Lichtsztejn levou quatro tiros da polícia ao ser preso; Antenor Meyer se atirou do quarto andar de um edifício ao tentar fugir. Estão em fase de recuperação.

O coletivo é dividido em equipes. Cada dia uma se encarrega do serviço geral. Ontem foi a minha: levantamos cedo, varremos a cela, preparamos o café. Enquanto uns cuidavam da limpeza e dos feridos, outros cozinhavam. Consegui fazer um arroz soltinho...

Ocupações: aulas de francês, ginástica, ioga, Teologia, conversas. Quando

* Antônio Carlos Vieira Christo (1913-2002) e Maria Stella Libanio Christo (1918-2011).

o espírito é forte, a prisão é suportável. Ninguém se mostra abatido ou chateado. Todos demonstram bom estado de espírito. Felizmente, cessaram os interrogatórios. Agora é saber aproveitar o tempo. Esse período não é um hiato em minha vida, é o seu prosseguimento normal; sei que passo por uma importante experiência.

Presídio Tiradentes, quinta, 25 de dezembro de 1969 — Natal

Queridos pais e manos,

Tivemos visita do meio-dia às cinco da tarde. Contando amigos e parentes, cerca de mil pessoas. Os padres do convento trouxeram cigarros e alimentos.

À noite, improvisamos a ceia. Houve ato litúrgico, com cânticos e leituras bíblicas. Não celebramos missa, falta autorização do juiz auditor.

Sei quanto este Natal representa para a nossa família. Algo nasce dentro de nós, algo que nos aproxima do pobre menino de Belém. Este Natal repete o mistério de Deus manifestado na criança da manjedoura. A prisão é lugar de malfeitores, ladrões, vagabundos, criminosos; lugar de banidos do convívio social. Para nós, é honra, glória e alegria poder gerar uma parte de nossas vidas nessa “manjedoura”.

Mas nem a todos é dado entender isso, como nem a todos foi dado entender o mistério daquele filho de carpinteiro padecido entre ladrões. Só se pode compreender por um ideal mais profundo ou à luz da fé. Os que nos prenderam são incapazes de entender por que permanecemos fortes, alegres, bem-dispostos. Jamais daremos a eles o prazer de nos verem abatidos e tristes.

Recebemos visita de nosso advogado, dr. Mário Simas. Impetrou recurso a nosso favor no Superior Tribunal Militar. Creio que não será julgado antes de 1º de janeiro.

Meu caro Nando,*

Há tempos penso em escrever-lhe. Minha intenção é tranquilizá-lo quanto aos fatos decorridos de minha prisão. Sei que, fora, as pessoas imaginam o pior; temos gravada na mente a imagem do cárcere como lugar deprimível, onde são guardados ladrões e assassinos.

Não lhe escrevi antes porque fiquei incomunicável de 9 de novembro — ao ser preso, às 7h30, na avenida Independência, em Porto Alegre — ao último dia 12, em que se decretou minha prisão preventiva. Papai conseguiu avistar-se comigo no Dops de Porto Alegre e no Deops de São Paulo — a condição de juiz facilitou-lhe o acesso.

Fui preso por um major e um coronel do serviço secreto do Exército. Na mesma manhã, iniciaram-se os interrogatórios presididos, em Porto Alegre, pelo diretor do Dops e um major. Só descansei a partir das cinco horas da manhã seguinte.

No Dops gaúcho, fiquei em cela improvisada por tabiques no meio de um corredor. Havia dois beliches com colchões e cobertores. A luz ficava acesa durante a noite; estranhei de início, logo me acostumei. A comida vinha em bandejas, tipo restaurante estudantil. Não havia sanitário na cela.

Dias depois, transferiram-me para outra cela, com cama individual. Consumi o tempo — quando não era interrogado — lendo Pearl S. Buck, Somerset Maugham, Erico Verissimo e a Bíblia. Escrevi um diário espiritual, apreendido no Dops paulista.

Em Porto Alegre, interrogaram-me policiais do Dops paulista, do serviço secreto da Marinha (Cenimar) e do 1 Exército. Recebi a visita do cardeal Scherer,** em presença do secretário de Segurança e do diretor do Dops. Durante o período em que estive foragido, doze jesuítas do Seminário Cristo Rei foram levados ao Dops para depor a meu respeito.***

* Luiz Fernando Libanio Christo, meu irmão.

** Dom Vicente Scherer (1903-96), arcebispo de Porto Alegre.

*** Ao ser preso, eu cursava Teologia no seminário dos jesuítas em São Leopoldo (rs).

Duas moças, Aidé e Iria, que nunca vi, serviram-me de anjos da guarda enquanto estive na capital gaúcha. Me levavam frutas e lavavam-me a roupa.

No dia 26 ou 27 de novembro, não tenho certeza, trouxeram-me para São Paulo num avião C-47 da FAB. Embarquei na base aérea de Canoas; três horas e meia depois, desci em Cumbica. Havia mais quatro presos políticos comigo, dos quais dois seguiram para o Rio.*

Em Cumbica, às três da tarde, a polícia da Aeronáutica entregou-me ao Deops. Duas viaturas, cujos policiais portavam armas pesadas, conduziram-me com os outros presos ao prédio do Deops. Na carceragem, guardaram num cofre o que eu trazia de dinheiro, relógio, gilete, canetas, livros, cadernos e fósforos. Fui trancado, com mais três presos políticos, na cela 7, do *fundão*. Além de dormir e conversar, nada havia a fazer. A cela tinha privada e colchões espalhados pelo chão. Um lençol, estendido de uma parede a outra, servia de “porta” da privada.

A prisão é a melhor escola da arte de improvisar.

Uma semana depois, fui transferido para a cela 1, onde fiquei em companhia de mais de dez presos. Ali tínhamos livros, revistas em quadrinhos, direito a um banho por semana. Papai e mamãe me visitaram duas vezes. Visitaram-me também os cardeais Agnelo Rossi** e Vicente Scherer, acompanhados por delegados que se encarregavam de me interrogar.

Decretada minha prisão preventiva, dia 12, vim transferido para o Presídio Tiradentes; afinal me encontrei com os demais dominicanos. Nos primeiros dias, ficamos na *cela dos incomunicáveis*, no pavilhão dos presos comuns. Pouco depois, viemos para o pavilhão de celas especiais reservadas aos presos políticos. Estão aqui cerca de duzentos. Em minha cela, 32. Temos alguns livros e *Tio Patinhas* em quantidade. Recebemos visitas todas as quartas. O banho de sol é de apenas uma hora, às terças e sextas.

Thereza aparece nos dias de visita.*** A presença dela me faz muito bem.

* Os dois que seguiram viagem para o Rio de Janeiro eram Caio Venâncio (desaparecido) e Joseph Calvert. Os outros dois eram o monsenhor Marcelo Carvalheira, da arquidiocese do Recife, e o seminarista jesuíta Francisco Castro.

** Agnelo Rossi (1913-95), cardeal arcebispo de São Paulo.

*** Minha irmã, Maria Thereza Christo Brandão.

Estou certo de que tudo isso veio estreitar nossos laços de família e nos tornar mais próximos uns dos outros.

De resto, confio plenamente no Senhor. Começo a aprender quanto pesa a minha cruz. Mas, como diz Jesus, “meu fardo é leve; meu jugo, suave”.* Daí a íntima felicidade interior que experimento nessa primavera de minha vida.

Um abraço amigo e saudoso.

* Mateus 11,30.

2. Cartas de 1970

Presídio Tiradentes, segunda, 5 de janeiro, cela 7

Queridos pais,

Não nos permitiram ter missa no Natal e Ano-Novo. É incrível que, num país que se diz cristão, prisioneiros não possam participar do sacrifício do Senhor. Entretanto, ninguém pode nos proibir de rezar, de agradecer a Deus tudo que temos vivido à semelhança de seu Filho.

[...]

Meditei muito sobre o mistério da eucaristia. Ela foi instituída por Jesus na última refeição com os apóstolos, quando lhes falou dos sofrimentos que deveria abraçar pela nossa redenção. Este sacrifício deveria ser perpetuado e atualizado através do tempo. Jesus tomou em mãos aquilo que havia de mais trivial na refeição humana, o pão e o vinho, e consagrou-os em seu corpo e sangue. “Quem beber deste sangue e comer desta carne terá a vida eterna. Fazei isto em memória de mim.” Toda vez que o sacerdote repete o mesmo gesto é Jesus quem o faz, e seu sacrifício se atualiza continuamente.

“Este é o meu corpo, que será entregue por vós. Este é o meu sangue, que

será derramado por vós. Fazei isto em minha memória.” O que significam essas palavras de Jesus repetidas na missa? Significam simplesmente que a consagração é feita em memória de Jesus, como recordação de seu sacrifício? Não. De fato, a missa torna atual para nós o seu sacrifício. Mas ao mesmo tempo é um apelo para que repitamos o gesto redentor de Cristo. Para que sejamos seus imitadores. Quando o sacerdote repete o gesto na missa e acrescenta “Fazei isto em minha memória”, entendo que Jesus nos diz: “Eu vos amei radicalmente. Amei a ponto de aceitar morrer por vós. Dei tudo que tinha por vossa libertação. Restava-me apenas a vida. Não a poupei. Entreguei-a também para vos ensinar que o limite do amor é amar sem limites. Dei a vós o meu corpo e o meu sangue. Fiz desse gesto um sacramento, para que possais receber, em qualquer lugar e época da história, a minha vida em vós. Para que possais em vossa vida repetir a minha. Quando disse: ‘Fazei isto em minha memória’, eu não quis dizer apenas que deveis lembrar o que fiz. Queria dizer que deveis fazer o mesmo que fiz. Que deveis também entregar o vosso corpo e sangue pela redenção da humanidade. Assim como na missa recebeis meu corpo e sangue, na vida deveis entregar o vosso. Fazei isso para que o meu gesto seja sempre atual e presente através do vosso. Portanto, se me recebeis na eucaristia, outros deverão receber-vos na vida. Assim, estaremos em perfeita comunhão”.

Pena que muitos cristãos tenham uma visão estática da missa. Veem nela apenas uma cerimônia dominical, sem nenhuma repercussão em suas vidas concretas. Ignoram que a missa não é para ser assistida, mas para ser vivida, na medida em que aceitamos também sacrificar-nos pela libertação dos homens. Longe de ser um sofrimento, esse sacrifício é suprema alegria, pois nele encontramos o amor em toda a sua transparência. E nos tornamos também sacramento de Deus no mundo.